

**MARCAS IDENTITÁRIAS DO EMPODERAMENTO FEMININO NA ESCRITA DE EMILY
DICKINSON**

WOMEN'S EMPOWERMENT TRAITS ON DICKINSON'S WRITINGS

Marcus Vinícius Souza e Souza*

Ydoreh Gomes Borges**

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo elucidar as marcas identitárias do empoderamento feminino nos escritos da poetiza Norte-americana Emily Dickinson (1830 - 1886) através da análise literária dos poemas: "My Life had stood - a Loaded Gun", e, "I'm "wife" - "I've finished that - ", apreciados à luz do estudo de Wiechmann (2012). Além disso, se buscou conceituar Gênero e as relações de poder entre masculino e feminino a partir dos apontamentos de Ponciano (2015), Campos (1992) e Costa (2008). Para tanto, também se buscou embasamento teórico nos estudos de: Foucault (1996), Scott (1995), Butler (2014), Millet (1970), Navarro (1995), entre outros.

PALAVRAS - CHAVE: Empoderamento Feminino. Gênero. Marcas identitárias.

ABSTRACT: The present work aims to enlighten the identity representation of women's empowerment in the writings of the remarkable American poet Emily Dickinson (1830 - 1886) through the literary analysis of two of her poems: "My Life had stood - a Loaded Gun", and, "I'm "wife" - "I've finished that - ", discussed under the light of Wiechmann's (2012) studies. In addition, it seeks to conceptualize Gender and the power relations between male and female from notes of Ponciano (2015), Campos (1992) and Costa (2008). For this purpose, were considered studies from a theoretical basis in the works from: Foucault (1996), Scott (1995), Butler (2014), Millet (1970), Navarro (1995), among others.

KEYWORDS: Female empowerment. Genre. Identity representation

* Possui graduação em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Amapá (2018). Também é graduado em Licenciatura plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2014). Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior Pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas- FATECH (2015). Especialista em Produção de Material didático e Formação de Mediadores de Leitura para a Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Amapá (2016). Foi bolsista do programa de iniciação científica da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Cultura da Universidade Federal do Amapá - PIBIC- CNPQ, com pesquisa voltada à estudos literários, especificamente Literatura Fantástica. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7644472140741261>. E-mail: marcus-vinicius-s@hotmail.com.

** Graduanda em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Amapá. E-mail: ydorehborges@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo elucidar as marcas identitárias do empoderamento feminino nos escritos da poeta Norte-americana Emily Dickinson (1830 - 1886) através da análise literária dos poemas “My Life had stood - a Loaded Gun”, e, “I’m “wife” - “I’ve finished that - ”, à luz do estudo de Natalia Helena Wiechmann (2012), intitulado “A questão da autoria feminina na poesia de Emily Dickinson.”

Além disso, se buscou conceituar Gênero e as relações de poder entre masculino e feminino a partir dos estudos de Jéssica Kurak Ponciano (2015) em: “A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo”, Maria Consuelo Cunha Campos (1992) em *Gênero*, e Ana Alice Costa (2008) em: *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. Para tanto, também se buscou embasamento teórico nos estudos de: Foucault (1996), Scott (1995), Butler (2014), Millet (1970), Navarro (1995), entre outros.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Gênero e discurso: algumas considerações

Ao discutir relações de poder, é essencial definir o conceito de Gênero, posto que a partir dessa definição, se compreenderá de forma concisa as relações sociais. Dessa forma, inicialmente se define Gênero pelo sentido comum, que é expresso pelo dicionário Aurélio (2018) da seguinte forma:

Grupo de espécies que entre si têm certas analogias. Substantivos e adjetivos, que apresentam contrastes de masculino, feminino e por vezes neutro, que podem corresponder a distinções baseadas nas diferenças de sexo. Conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos. (AURÉRIO, 2018).

Nessa definição, nota-se que se trata da pluralidade entre os diferentes sexos, sendo eles: masculino, feminino e neutro. Atrelado a essa definição, Ponciano (2015) menciona Scott (1995) ao explicar que “gênero constitui-se em uma categoria social, utilizada para justificar e dar sentido aos papéis desempenhados pelos corpos sexuados. ” Em outras palavras, se refere a aspectos da morfologia humana, que define as características físicas entre masculino e feminino, bem como seu funcionamento.

Sabe-se, entretanto, que discutir Gênero está além da morfologia, pois, se trata das relações sociais, desigualdades, aspectos culturais, dentre outros, também explicados por Ponciano (2015) ao citar Scott (1995) que “ênfatiza que as relações entre os sexos são apenas sociais, porém, o termo gênero, por si só, não explicita as razões históricas que constroem as relações de desigualdade. ”

Para tanto, ao considerar apenas os princípios morfológicos, se estará ignorando a história de luta dos movimentos sociais, que defende a ideia de construções ideológicas de combate à opressão e desigualdades sociais que são oriundas das relações de Gênero. Ponciano (2015) se ancora em Butler (2014), para quem Gênero é compreendido como “uma construção social”, e expõe que:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2014, apud PONCIANO, 2015, p. 52).

Desse modo, se verifica que Gênero não deve ser tratado de maneira restritiva baseada no sexo como comumente tem ocorrido ao longo do tempo. Ao contrário, é necessário que seja compreendido como sinônimo de resistência que busca combater a subordinação e a opressão culturalmente estendida na contemporaneidade, e, isso está em diálogo com os apontamentos defendidos por Costa (2008) ao alegar que “quando falamos relações de Gênero, estamos falando de poder.”

Costa (2008) também elucida as relações assimétricas entre os gêneros masculino e feminino, expondo que “ à medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal. ” Ponciano (2015) reafirma esse argumento baseando-se em Sardenberg e Costa (1994), para quem “a opressão feminina pelo patriarcado se configura como primeira forma de opressão na história da humanidade, perpetuando-se até hoje através dos papéis de gênero”. Por conseguinte, Ponciano (2015) se fundamenta em Franco e Cereja (2006) ao informarem que “o patriarcado aprisiona, subjugua e discrimina as mulheres de variadas formas. Um dos mecanismos mais sutis

de transmissão e perpetuação das assimetrias de gênero é através da língua”, que era utilizada para expressar o pensamento social no contexto de opressor e oprimido.

Dessa forma, se compreende que a perspectiva marxista está presente nesse contexto, visto que a característica do marxismo se refere à compreensão de uma sociedade desigual em que há a subordinação e o pronunciamento feminino ainda não eram possíveis, e tal parâmetro está atrelado à concepção de discurso como poder, como explica Foucault (1996) ao mencionar que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não se pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala.”

Assim, percebe-se que o ato de se posicionar é atrelado à posição de prestígio, no cenário em que o subordinador profere o discurso, e o subordinado apenas ouve, como exemplificado nas palavras de Foucault (1996): “Se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece.”

Em outras palavras, significa dizer que historicamente a mulher é considerada como inferior em relação ao homem, e que culturalmente foi educada para ser submissa. Ponciano (2015) elucida esse aspecto informando que “a passividade e a fragilidade atribuídas e ensinadas às mulheres desde a primeira infância são parte do esquema de gênero”. Ponciano (2015) discorre sobre a civilização Ocidental com base em Millet (1970) ao conceber o “patriarcado” como base da civilização, posto que “as distinções sociais e políticas não estão baseadas na riqueza ou na posição social, mas no sexo.” Corroborando com a subordinação feminina na história social, Campos (1992) explica que:

Na relação masculino e feminino, a opressão e exploração deste último pelo primeiro: a história das sociedades até agora existentes constituiria uma história da subordinação das mulheres pelos homens em base aos sistemas gênero-sexo que culturalmente produziram. Onde não se tratar de pura diferença, mas sim de diferença hierarquizada em vista de poder. (CAMPOS, 1992, p. 111-112)

Observa-se, nesta acepção, que as relações de poder são estabelecidas historicamente de forma assimétrica; ou seja, desiguais, originando, deste modo, os estereótipos culturais e sociais nos quais a mulher é submissa na sociedade machista, que impunha regras, subjulgando-a a posição de inferioridade. À vista disso, é caracterizado o contexto de violação e de opressão em relação Gênero, pela sobreposição do subordinado, que Ponciano (2015) se ancora em Scott (1995), a fim de

chamar a atenção para que a opressão em diferentes culturas e contextos não seja naturalizada, e nem silenciadas pelos “interesses patriarcais. ”

A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

A literatura de autoria feminina desde muito tempo desafia a invisibilidade mediante ao contexto social, construído a partir dos estereótipos machistas que, por sua vez, caracterizam essa produção como inferior em relação à literatura produzida por homens, e é nesse sentido que o texto literário é utilizado como ferramenta de resistência no combate à subordinação. Segundo Ponciano (2015) “apesar de o século XVIII ser um período histórico de invisibilidade feminina na produção literária, atualmente inúmeros estudos mostram profícuas produções de autoria feminina que existiam já nesse período”.

Dessa maneira, se compreende que a literatura feminina tem sido produzida mesmo diante das constantes tentativas de silenciamento, e isso é ressaltado por Ponciano (2015) ao citar Navarro (1995) ao explicar que “um dos motivos do silenciamento feminino no universo literário é o fato de a crítica considerar irrelevante e inferior as temáticas exploradas pelas escritoras”.

Esses autores também explicam que a omissão da escrita feminina ocorria pelas temáticas voltadas ao íntimo, e ao ambiente doméstico, que divergiam das questões tematizadas por homens, referindo-se às esferas “política, econômica e histórica”. Em oposição a essa concepção, Wiechmann (2012) compreende que “autoria feminina, portanto, diz respeito à produção literária de um sujeito histórico feminino cuja consciência das relações de gênero se deixa transparecer em sua obra”.

Ao situar o século XIX, Wiechmann (2012) explica que, neste período, a “sociedade patriarcal” é compreendida a partir das relações de poder entre os Gêneros, e por essa razão, as mulheres eram domesticadas para se tornarem seres do lar, que se ocupariam da manutenção da casa e da criação dos filhos, ficando a encargo dos homens a função de prover e administrar o lar, de modo que a “organização social” fosse baseada “na figura masculina como centralizadora da autoridade e conseqüentemente definidora dos papéis temáticos envolvidos nas relações de gênero. ”

A estudiosa também sustenta com base em Gilbert (1985) e Gubar (1985) que a ausência de mulheres escritoras nesse período “era alvo de ataques mais ferozes por parte da crítica masculina do que o romance”, que eram gêneros considerados com

grande valorização intelectual, o que segundo os preceitos da época, eram subjacentes à produção masculina. Wiechmann (2012) se ancora em Gilbert (1985) para explicar que “às mulheres que ousaram tomar a caneta e se expressar literariamente a despeito dos ideais patriarcais e que, com isso, desafiaram a autoridade masculina”.

De acordo com Wiechmann (2012), Gilbert (1985) e Gubar (1985) argumentam no *Madwoman* que “a releitura de escritoras como Jane Austen, as irmãs Brontë, Christina Rossetti e Emily Dickinson”, dentre outras, fortificam a “tradição literária feminina que se posiciona em resposta à coação sociocultural do patriarcalismo e que se concretiza na criação de narrativas simbólicas, permeadas por esse sentimento de opressão”. Para tanto, a escrita feminina se fortificou através de aspectos linguísticos, como informa Ostriker (1985) citada por Wiechmann (2012) quem, também discorre sobre os discursos indiretos como regras subversivas que a tradição literária feminina encontrou para romper com as regras do patriarcado.

EMILY DICKINSON E A INOVAÇÃO DA POESIA NORTE AMERICANA

Emily Dickinson (1830-1886) foi uma importante escritora do século XIX, principalmente pela inovação do conteúdo e da forma de sua poesia, contrária ao pensamento da época, o qual era conservador, e nele, o domínio patriarcal e matrimonial estava em forte evidência. Por essa razão, a escritora era considerada uma mulher a frente do seu tempo, pois, acreditava nos ideais de liberdade da figura feminina, a qual recebia a criação para cuidar do lar. Wiechmann (2012) discorre que Dickinson se mostrava com ideias contrárias a religiosidade que cercou grande parte do século XIX, bem como demonstra inquietudes acerca do casamento, que são fatores que podem ser percebidos em suas poesias. Em vista disso, busca-se caracterizar as marcas identitárias do empoderamento feminino nos poemas: *My Life had stood - a Loaded Gun -*, e *I'm "wife" - I've finished that*, a partir de uma análise literária.

O poema *My Life had stood - a Loaded Gun -* (1863) possui vinte e quatro versos, que são divididos em seis estrofes, classificadas como quartetos. Para tanto, verifica-se que na narrativa é construída a partir da visão de um eu-lírico que se compara a uma arma “Gun” carregada, cheia de potencial. Entretanto, esta arma vive passivamente pelos cantos “in Corners”, o que sugere ao leitor que sua existência é periférica, sem propósito e despercebida. Assim, permanece até o dia em que é tomada como posse por uma figura masculina, descrita como “Owner”:

*My Life had stood - a Loaded Gun -
In Corners - till a Day-*

*The Owner passed - identified -
And carried Me away -*

Neste sentido, o eu-lírico feminino se nomeia como pertencente a um dono, caracterizando a ideia de objeto, uma vez que ao ser identificada por seu dono, a arma/ sujeito lírico recebe propósito e identidade, o que enfatiza sua passividade e dependência. Esta metáfora supõe a relação de “Gun” e “Owner” com os estereótipos historicamente relacionados à figura masculina e feminina, o que infere contrastes como submissão/autoridade, dependência/autonomia. Para Wiechmann (2012), esses símbolos imagéticos são representações metafóricas de proposições de complexidade maior, e isso é evidenciado na explicação:

A descrição das ações subsequentes vai, então, confirmar que a posição do eu-lírico é absolutamente oposta ao tema da domesticidade feminina: ao contrário da característica passividade feminina, o eu-lírico é quem possui o poder da voz e da ação, invertendo os papéis sociais de gênero ao esvaziar a figura masculina de sua autoridade. (WIECHMAN, 2012, p. 132).

189

Em outras palavras, se pode assinalar que Emily Dickinson cria um eu-lírico feminino, representado por uma arma, objeto que faz parte do mundo masculino; desta forma, a autora atribui a esse eu-lírico, características atreladas a este objeto como: coragem, violência, poder, autoridade, que são atribuições relacionadas à figura masculina. Subsequente, o eu lírico se apresenta desprovido de atitudes passivas, e gradativamente inverte tal relação entre masculino e feminino, identificada na segunda estrofe:

*And now We roam in Sovereign Woods -
And now We hunt the Doe -
And every time I speak for Him
The Mountains straight reply -*

Desta forma, nota-se nos dois primeiros versos que a arma, ao referir-se a si e ao seu “owner” como um só, ou “nós”, evidencia a ideia de igualdade, em que arma e dono têm o mesmo poder de letalidade; sendo assim, a arma passa a ser tão ativa e nociva quanto seu proprietário. Posteriormente, nos dois últimos versos da estrofe, percebe-se a inversão definitiva dessa relação a partir do momento em que se lê: *And every time I speak for Him -*, é consolidada a tomada definitiva de autoridade por parte da arma, isso está atrelado a observação de Wiechmann (2012):

Note-se que essa mudança de perspectiva se faz concreta na alteração do tempo verbal, que passa do pretérito na primeira estrofe ao presente da segunda estrofe adiante, enfatizando as ações do eu-lírico a partir de sua mudança de atitude e minimizando o papel da figura masculina, agora relegada ao passado. (WIECHMANN, 2012, p. 133)

Para tanto, ressalta-se que o disparo da arma é um ato de manifestação de poder a partir do qual é liberada a raiva e a violência contida. Ao fazê-lo, o sujeito lírico descreve o sentimento sádico de prazer causado pelo disparo, como um sorriso que emite um clarão de luz, e como a face incandescente de um vulcão em erupção. Tais simbologias permitem dimensionar as inquietudes de Dickinson em relação à sociedade do século XIX, como se mostra nos versos:

*And do I smile, such cordial light-
Opon the Valley glow -
It is as a Vesuvian face
Had let it's pleasure through -*

190

Em diálogo com essa passagem do texto, Wiechmann (2012) explica que “o disparo ou a lava que transborda os séculos de repressão, ira e esmagamento femininos, agredindo os valores dessa tradição subjugadora da figura feminina.” Além disso observa-se no texto a tomada definitiva do poder que antes era possuído apenas pela figura masculina. A figura feminina/ arma, que antes se via estática e dependente, faz uso agora do discurso com simbologias que marcam sua autoridade, poder e periculosidade, em contraste com a figura masculina, adormecida, e na posição de vulnerabilidade em presença da arma. Dessa forma, o esvaziamento e inversão dos papéis de gênero previamente estabelecidos no poema é consolidado.

*And when at Night - Our good Day done -
I guard My Master's Head -
'Tis better than the Eider Duck's
Deep Pillow - to have shared -*

Também se nota a troca abrupta e proposital de “Good day” para “night” em que a palavra “noite”, remete à escuridão ameaçadora e perigosa. Especificamente neste ponto, a arma/ sujeito lírico revela que seu “Master” descansa, vulneravelmente, sua cabeça sobre o travesseiro, enquanto que, próximo a ele encontra-se a arma/ sujeito lírico, dotada de letalidade, a qual se mostra orgulhosa

por seu poder de mortalidade, e não descansa. Ao se reconhecer com tal poderio, o Eu - lírico revela que se sente mais confortável do que estaria se dormisse no travesseiro mais macio, o que se confirma nas palavras de Wiechmann (2012):

Se a tomada do poder e da autoridade é o que faz do eu-lírico feminino o manipulador das imagens convencionais de homem e mulher, os versos que se seguem vão atribuir à figura feminina características ainda mais marcadamente masculinas: ao contrário da vulnerabilidade feminina, é a mulher quem protege seu senhor e isso lhe é mais prazeroso do que apenas dormir ao seu lado. Em outras palavras, a ação lhe agrada mais do que a passividade. (WIECHMANN, 2012, p. 135)

Em seguida, a voz feminina descreve seu poder em tom de ostentação, sua letalidade, ao revelar que ninguém sobrevive ao seus “yellow eye”, e “emphatic thumb”, que configuram metáforas para o disparo luminoso da arma e suas balas, respectivamente.

191

*To foe of His - I'm deadly foe -
None stir the second time -
On whom I lay a Yellow Eye -
Or an emphatic Thumb -*

Desta forma, Dickinson rebela-se através de suas palavras e gradativamente promove o eu-lírico feminino a uma posição de poder, que equipara-se ao poder da figura masculina e em seguida o ultrapassa e o silencia. A tomada da narrativa pela arma e a euforia causada pela sua auto-percepção de letalidade introduzem uma nova reflexão da consciência feminina: Que, na verdade, faz uso de um poder emprestado, e por ser inicialmente impotente, não deveria naturalmente existir por mais tempo à figura masculina, como visto nos versos:

*Though I than He - may longer live
He longer must - than I -
For I have but the power to kill,
Without - the power to die -*

À vista disso, compreende-se esse movimento narrativo atrelado a algumas possibilidades, como ocorre na leitura da última estrofe, em que se considera que os papéis de gênero influenciam na escrita de Emily Dickinson, da mesma forma que é possível compreender que a autora se posicionava como mulher e poetisa em relação à sociedade patriarcal em que viveu, e que ainda é vigente. Nesse intento, o Eu - lírico

feminino declara sua imortalidade, interpretada por Wiechmann (2012) como uma “manifestação poética da consciência de que a autoria é a arma mais poderosa e que garante à poeta uma existência mais longa do que a vida da figura masculina”. Logo, a arma representa, de fato poder, o poder da enunciação, que a poetisa americana Emily Dickinson manuseava com maestria mesmo não sendo prestigiada em sua época.

O poema *I'm "wife"—I've finished that—* (1860) possui três estrofes com quatro versos, que podem ser classificadas como quartetos. Esse poema tematiza a ruptura entre princípios patriarcais e machistas em relação à voz feminina, o que, por sua vez, é apresentada na narrativa como resistência à submissão e domesticação que eram impostas pelo casamento, e isso é evidenciado desde o primeiro verso, em que o eu-lírico se posiciona como esposa, como se verifica nos termos “I’m “wife”, e em contraste a isso, nota-se o empoderamento da voz feminina diante da opressão ao relatar ter se libertado dos estereótipos de submissão do casamento, como se verifica na continuação do verso, nas palavras: *I've finished that —*.

Desse modo, o segundo verso mostra a mudança de estado civil, notado a partir das palavras: *other state —*, e essa mudança é descrita no terceiro verso como paralela, uma vez que o Eu-lírico adota características masculinas, a fim de representar a liberdade negada às mulheres, perceptível no termo *I'm Czar*, que segundo Wiechmann (2012) é característica da soberania da autoridade masculina. Em vista disso, se compreende que a voz narrativa é oprimida pelo poder patriarcal, porém, ela passa a se empoderar através dos atributos masculinos. Assim, o quarto verso na frase *It's safer so—* faz referência ao contexto opressor em que as mulheres não podiam trabalhar, sendo assim, o casamento poderia lhes oferecer condições para sobreviver, mesmo que submissas. Os aspectos apresentados são elucidados no poema nos versos:

*I'm "wife"—I've finished that—
That other state—
I'm Czar—I'm "Woman" now—
It's safer so—*

Adiante, no quinto verso o eu-lírico retrata a vida monótona da figura da mulher diante da infelicidade do casamento, e esse aspecto é repercutido no sexto verso, em que é descrita a assimetria entre os gêneros, dialogados a partir da metáfora do eclipse, compreendida como o corpo na sombra do outro, que Wiechmann (2012) compreende como “uma ocultação parcial ou total de um corpo celeste pela sombra de outro. ”

Da mesma forma, o sétimo verso demonstra certa conformação do Eu-lírico em relação à submissão advinda do casamento, e esse aspecto é reforçado no oitavo verso, na compreensão de mulheres à margem da exclusão social. Esses preceitos são postos ao diálogo nas menções:

*How odd the Girl's life look s
Behind this soft Eclipse—
I think that Earth feels so
To folks in Heaven—now—*

Na última estrofe, o nono verso apresenta o eu-lírico comparando o conforto da vida de uma mulher casada a aflição da vida das mulheres que optavam por não casar, como a própria escritora Emily Dickinson, que passou a ser considerada a grande reclusa, conforme informado por Wiechmann (2012). Posteriormente, no décimo primeiro verso, o eu-lírico interroga o porquê de se comparar a escolha das mulheres em terem optado pelo casamento e se submeterem aos princípios matrimoniais, com a opção de resistência e luta pela sobrevivência ao contexto opressor da época. Wirchmann (2012), ao analisar a comparação, explica “a necessidade de se refletir sobre a identidade feminina e suas transformações diante da linha de chegada que é o casamento para as mulheres”. De tal modo, no último verso, o eu-lírico se posiciona novamente como esposa, a qual possui atributos sociais para reagir aos preceitos machistas. Tais aspectos são elucidados poema nos versos:

*This being comfort—then
That other kind—was pain—
But why compare?
I'm "Wife"! Stop there!*

Além disso, observa-se também no poema a presença de marcas da escrita de Emily Dickinson, percebidas a partir do uso excessivo de travessões e aspas, que segundo Wiechmann (2012) são “dobradiças de uma porta, capazes de fechá-la e abri-la quando for preciso”, que são fatores que compreendem o discurso indireto que a produção literária de autoria feminina utiliza para se empoderar, tendo como meio a ênfase em palavras isoladas. Nesse intento, cabe mencionar que esse aspecto inovador na escrita de Dickinson era considerado como erro de grafia, até ser aceito como pertencente ao estilo de escrita da poetiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho, se verificou a relação de poder existente entre a figura masculina e a feminina, em que se notou os traços do domínio patriarcal e matrimonial que, por sua vez, utilizam-se da autoridade assimétrica masculina, a qual no século XVIII e XIX estava em forte evidência. Neste sentido, se verificou os aspectos da opressão e inferioridade feminina mediante a sociedade da época.

Além disso, o estudo teve como objetivo mostrar as marcas identitárias do empoderamento feminino em dois poemas da escritora Norte-americana Emily Dickinson, como mostrado na análise literária, a partir da qual se percebeu a constante tentativa da voz feminina se posicionar diante de um contexto conservador e inerente à tradição masculina.

Neste sentido, também se observou que a inovação estilística é utilizada para enfatizar o discurso de empoderamento de forma indireta, a partir do uso de hiféns e aspas, que passou a ser considerado inicialmente como erro gramatical, e, posteriormente é compreendido como recurso estilístico na escrita de Emily Dickinson.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Novo dicionário de língua portuguesa**. 4. Ed. Curitiba: Positivo, 2018.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. In: PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente**, 2015.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Gênero**. In: JOBIN, José Luís (Org.) **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.111-115.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Disponível em: < [textos_pdf/empoderamento.pdf](#) > Acesso em: 18/08/2017.

DICKINSON, Emily. I'm "wife" – I've finished that –. Disponível em: < <https://emilydickinsonstrashcan.com/2017/06/10/xvi-im-wife-ive-finished-that/> > Acesso em: 11/06/2017

____My Life had stood - a Loaded Gun -
. Disponível em: < <https://www.poetryfoundation.org/poems/52737/my-life-had-stood-a-loaded-gun-764>>. Acesso em: 11/06/2017

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCO, P. V.; CERVERA, J. P. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. UNIFEM. In: PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente**, 2015.

GILBERT, Sandra (Ed.); GUBAR, Susan (Ed.). **Norton Anthology of Literature by Women**. New York City: W.W. Norton & Company, 1985. In: WIECHMANN, Natalia Helena **A questão da autoria feminina na poesia de Emily Dickinson**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

GUBAR, Susan. **“The Blank Page” and the issues of female creativity**. In: SHOWALTER, Elaine (Ed.). **The New Feminist Criticism: Essays on Women, Literature and Theory**. New York: Pantheon Books, 1985. In: WIECHMANN, Natalia Helena **A questão da autoria feminina na poesia de Emily Dickinson**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

MILLET, Kate. **Política Sexual**. Tradução de Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974. In: PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente**, 2015.

NAVARRO, Márcia Hoppe. **Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea**. Ensaios Cpg Letras/ufrgs, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p.11-55, jun. 1995. In: PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente**, 2015.

OSTRIKER, Alicia. **The thieves of language**. In: SHOWALTER, Elaine (Ed.). **The New Feminist Criticism: Essays on Women, Literature and Theory**. New York: Pantheon Books, 1985. In: WIECHMANN, Natalia Helena **A questão da autoria feminina na poesia de Emily Dickinson**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente, 2015.**

SARDENBERG, Cecilia M. B. e COSTA, Ana Alice. "Feminismos, Feministas e Movimentos Sociais". In: Margarida Brandão e M. Clara Binghamer (orgs.), *Mulher e Relações de Gênero*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994, pp.:81-114. In: PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente, 2015.**

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, 1995. In: PONCIANO, Jéssica Kurak. **A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo - Presidente Prudente, 2015.**

WIECHMANN, Natalia Helena **A questão da autoria feminina na poesia de Emily Dickinson**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

Recebido em: 02/2021
Aprovado em: 03/2021

